

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIOMAR TORREZÃO

2.ª SERIE

NUMERO 38

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

LISBOA, 27 DE AGOSTO DE 1881

Summario. — *O actor Vasques*, Sousa Bastos — *Chronica alegre*, Guiomar Torrezão — *A leitura de peças*, Gervasio Lobato — *Soirées em Madrid*, Manlius — *Carteira de um fantasista*, Canção matutina, Matheus Peres — *Modas*, chronica de Paris, condessa de Luc d'Estrelles — *Molduras*, Guilherme Braga, Til — *Rumores dos palcos* — *Bibliographia* — *Album enigmatico*, charada, Matheus Peres.

O ACTOR VASQUES

Dizer Vasques no Rio de Janeiro equivale a dizer Taborda em Lisboa. Quem se não alegra ao encontral-o, quem não solta uma gargalhada ao vel-o entrar em scena, quem não pasma ao vel-o des-

empenhar um papel cheio de difficuldade, quem o não aprecia pelos bons ditos? Em Portugal tem-se dado um caso singularissimo. Quando entra para o theatro o irmão de um bom actor, é logo contar com uma inutilidade, ou pelo menos uma mediocridade. O irmão de Antonio Pedro era um mau actor; o irmão de Isidoro é um bello homem que representa o peor que pode; o irmão de Marco-lino nem para entregar uma carta servia; a irmã de Emilia Adelaide uma nullidade; a irmã de Emilia das Neves a completa negação da actriz; o irmão de Brazão, o que ha de peor para a scena; a irmã de Virginia, uma rapariguinha galante e nada mais; a irmã de Barbara apenas supportavel na provincia. A esta regra fatal ha uma unica excepção, a da familia Rosa, cujo chefe é uma gloria da scena portugueza. João Rosa é de ha muito considerado um primeiro artista; seu irmão Augusto occupa a seu lado um logar distincto. Os dois irmãos Rosas são, pois, a unica excepção.

No Brazil creio que se segue o mesmo systema. Não me consta de familias que deem para o theatro talentos

aos pares. Mas esta regra devia tambem ter uma excepção, e teve-a. Abandonou a scena e é hoje um honrado empregado do commercio o Martinho, que foi outr'ora o actor mais querido das plateas do Brazil. Peça em que o Martinho tivesse papel, fazia *successo*. O publico ria com elle até lhe doer as ilhargas, e applaudia-o até... não, ainda mesmo que lhe doessem as mãos. As plateas fluminenses, essas adoravam o Martinho, como actualmente adoram seu irmão, o popularissimo Vasques.

Entre Vasques e Taborda ha ainda um ponto de contacto. Ambos tiveram por mestre no começo da carreira theatral a Emilio Doux e com ambos se enganou aquelle perspicaz francez que descobria o talento onde elle mais se occultava.

Emilio Doux, de quem em breve hei de fallar em artigo especial, foi o regenerador da scena portugueza, como o foi da brasileira. Foi elle o educador dos mais afamados artistas portuguezes, entre os quaes Epiphanio, Rosa, Theodorico, Emilia das Neves, Tlassi e tantos outros. Durante a sua tão longa carreira de ensaiador e director theatral adivinhou tantos talentos e enganou-se apenas com dois dos mais brilhantes: Taborda e Vasques.

Não me proponho, nem mesmo é facil, fazer comparação entre os dois primeiros actores comicos de Portugal e Brazil. São mui diversos os meios em que cada um vive; é principalmente diverso o publico para que cada um representa.

Sei apenas que são dois bellos talentos, ambos dignos de admiração. Emilio Doux desconfiou d'elles, chegou-lhes a dizer que nada fariam na arte, mas era elle depois quem mais os apreciava.

Poderá haver actor de mais talento ou de mais recursos que o Vasques; o que de certo não ha em parte alguma do mundo é actor mais querido do publico. É todas as noites recebido com uma salva de palmas; esta manifestação repete-se em cada scena que Vasques representa, a cada phrase que solta. No fim das peças é um nunca acabar de chamadas ao actor querido... e, o que é mais, até no fim das peças em que elle não entra!

N'uma das primeiras recitas a que assisti no theatro Phenix Dramatica, do Rio de Janeiro, notei que no fim do espectáculo o publico gritava

enthusiasmado pelo Vasques, que n'aquella noite não representara. Scismei um pouco e perguntei ao amigo que me acompanhava:

—Porque applaudem hoje tanto o Vasques?

—É sempre assim.

—Foi elle o ensaiador da peça?

—Não, o ensaiador é o Heller.

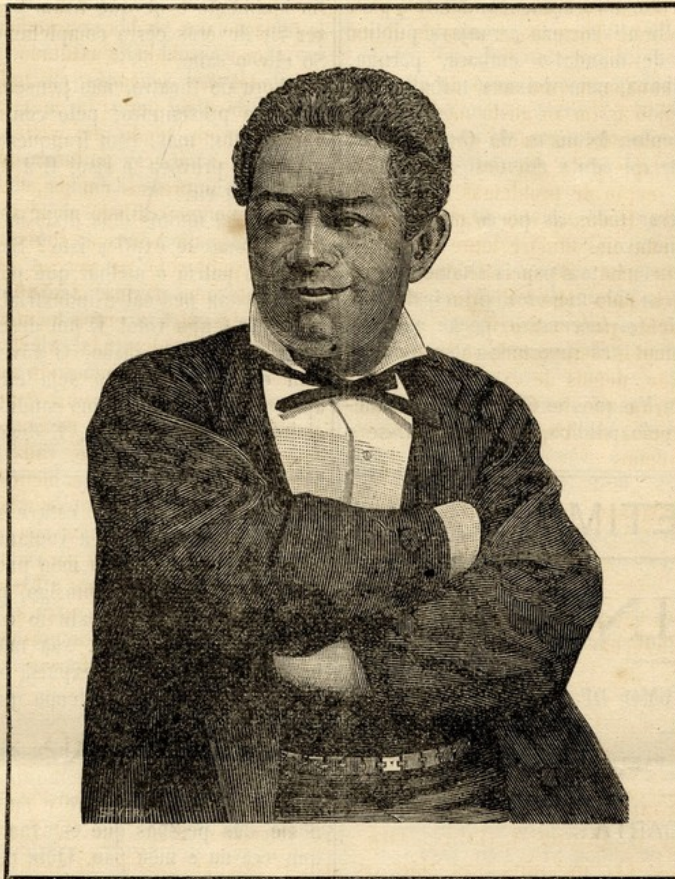
—É o auctor?

—Tambem não. Tem escripto muitas; mas esta não é d'elle.

—Então porque o chamam?

—Porque ainda hoje o não viram, e o publico d'este theatro não dorme socegado sem ter visto o Vasques.

Isto parecerá exagero unicamente a quem não conhece o que



O actor Vasques

é o Vasques no Rio de Janeiro, e principalmente o que é o Vasques na Phenix.

Tirem Taborda do Gymnasio e verão fugir toda a concorrência e alegria ao elegante theatro, visinho da Trindade. Tirem o Vasques da Phenix e verão egual sorte a esta casa d'espectaculos tão querida.

Cá estou eu outra vez fallando no Taborda. Não admira. Ainda não conheci duas individualidades artisticas mais similhantes.

Não pretendo fazer a biographia do Vasques, que se escreveria em tres palavras: *é uma gargalhada*. A *Revista dos Theatros*, que existiu no Rio de Janeiro, publicou em o seu primeiro numero os apontamentos biographicos do estimado actor; eu faço menos, digo apenas algumas palavras a seu respeito.

Francisco Correa Vasques, é este o seu nome todo, teve pressa de entrar na comedia do mundo. Os nove mezes que todos esperamos, reduziu-os elle a sete, o que fez com que apparecesse n'esta vida tão pequenino, que o seu apparecimento foi logo a primeira gargalhada que despertou.

Por ter seu irmão no theatro, aos seis annos de idade já fazia papeis de creança com o maior agrado. Chamavam-lhe então o actor *Chico*, e ainda hoje é assim tratado por muitos que o conheceram d'esse tempo.

Aos doze annos quizeram torcer-lhe a vocação, mandando-o para despachante da Alfandega; mas elle alli mesmo arranjava publico para o ver representar. Tiveram de mandal-o embora, porque, com as scenas comicas, nem trabalhava, nem deixava trabalhar os mais empregados.

Os primeiros papeis que representou foram os de *Queiroga*, na comedia de Duarte de Sá, *Trabalhos em vão* e de *Califourchon* na *Corda sensivel*.

Seria uma lista immensa enumerar todas as peças em que elle tem feito creações, algumas muito notaveis.

E note-se que no seu longo repertorio tem papeis altamente dramaticos, em que os triumphos não tem sido menores, principalmente nas *Lgrimas de Maria* e *Houza de um taberneiro*, peças que elle mesmo escreveu e que vivem ha annos nos repertorios dos theatros brasileiros.

Alem d'estes dois dramas, tem Vasques muitas outras producções recebidas com enthusiasmo pelo publico, podendo citar-se o

Orpheo na roça, engraçadissima parodia ao *Orpheu nos Infernos*; *Geralda-Geraldinha*, parodia á *Giroflé-Giroflá*; *Filha do condemnado* e *Estranguladores*, dois dramas extrahidos de romances; as comedias *Dois Infernos* e *Quero casar minha sobrinha*; *Faustino*, parodia ao *Fausto*, e um sem numero de scenas comicas, d'entre as quaes fizeram *grande successo* as seguintes: *Volta do mundo*, *Olhae!*, *Olhae!*, *Ah! como eu sou besta!*, *Variações de flauta*, *Joaquim sarchristão*, *O sr. Domingos fóra do serio*, *Viva o Circo Grande Oceano!*, *As pitadas do velho Cosme* e *Joaquim da Costa Brazil*.

É, pois, um auctor dramatico muito festejado o nosso Francisco. Cá está outra circumstancia a lembrar-me o Taborda. Tambem são ambos Franciscos.

De muitos trabalhos de Vasques, como actor, se falla com o maximo elogio no Rio de Janeiro; não preciso, porem, *curar por informações*, eu que já entusiasticamente o applaudi no Dr. Escorrega da *Prinzeza dos Cajueiros*, no *Robinson*, no banheiro da *Niniche*, na *Mulher do papá*, nos *Mosqueteiros no convento*, nos *Sinos de Corneville*, *Volta do mundo a pé* e nas *Mil e uma noites*. Em todos e tão variados papeis foi verdadeiramente primoroso.

Tem este artista uma singularidade que o afasta completamente de todos os mais actores comicos. Taborda, Valle, Ribeiro, Leoni e outros dispoem de magnificos olhos, que manejam com extraordinaria facilidade e de que tiram grande partido. Vasques para nos fazer rir deveras cerra completamente os olhos! Que segredo é este? Só elle o sabe.

Fóra do theatro, não pensem que o *Chico* Vasques anda sempre alegre e prasenteiro; pelo contrario, tem dias em que mais parece um Othello; mas, com franqueza, quanto mais serio elle quer estar mais nos provoca o riso! E á força de ver rir os mais, desata elle tambem a rir.

Não ha muitos dias dizia-me elle desesperado:

—Como se explica isto? Sou um bom cidadão, faço por servir a minha patria o melhor que posso, pago pontualissimamente a minha decima pessoal e industrial e riscam-me do numero dos eleitores! Não tenho voto! É um desaforo!

Eu percebo a razão. O governo, inutilizando-o como eleitor, faz com que tambem não seja elegivel. Imaginem que o Vasques se apresentava um dia como candidato a deputado; era immediatamente eleito por unanimidade. E depois? No parlamento fariam como na

Assegurou-nos que estava muito melhor, que dormira perfeitamente e que nos faria a vontade, deixando-se estar ali quieto mais algumas horas. E como meu pae, que se tinha introduzido no salão, fallasse em me levar consigo, perguntou o medico ao duque se elle experimentava algum allivio com a minha presença. «Sim, muito, respondeu o ferido. A sua mão infantil aquece-me e o seu olhar bondoso, reconhecido, expulsa os maus sonhos.»

Então o medico ordenou que eu ficasse e meu pae teve de retirar sosinho.

Logo que o sol descobriu conduziram o duque em uma cadeirinha para casa do seu amigo, onde, á tarde, fui saber noticias d'elle. Tinha ainda alguma febre e mostrava-se inquieto desejando saber o nome das pessoas que estavam no quarto immediato. Disseram-lhe que era eu e meu pae. Quiz então ver-nos e meu pae foi obrigado a testemunhar-lhe o seu interesse e agradecer-lhe quanto elle fizera por minha causa. Não lhe deu attenção e virando-se para mim perguntou-me se eu tornava a deixal-o.

—Não, acudi eu, ficarei tanto tempo quanto aprouver ao sr. duque.

—Obrigado, tornou elle, quando a vejo ao meu lado sinto-me melhor.

Era escusado fallarem-me na possibilidade de ir dançar aquella noite.

Viram-se obrigados a transferir o espectáculo e eu passei tres dias e tres noites á cabeceira do doente, quasi sempre sentada ao pé d'elle, e muitas vezes com a sua mão entre as minhas.

Trad. livre de

PAULA RAMANZI.

(Continua).

FOLHETIM

ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA PARTE

SEXTA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.^a DE NESMÉS

Castello d'Autremont.

Pensei que forçosamente tinha de acceitar uma das hypotheses que se apresentavam ao meu espirito, ou o duque partir d'alli a pouco tempo restabelecido ou morrer victima da ferida que o punha. E em qualquer dos casos, eu iria dançar em outra terra como se cousa alguma se tivesse dado! Desejava pois gravar bem na minha mente a sua imagem, e abandonava-me contemplando-o a uma voluptuosidade amarga, orvalhada de lagrimas.

De repente, o duque abriu os olhos e encontrou os meus. Não me disse palavra, mas estendeu a mão como se quizesse apertar a minha que eu lhe entreguei e que elle reteve estreitando-a suavemente. Depois fechou os olhos e adormeceu. Não podia retirar a mão sem arriscar acordal-o. Despontou o dia e o enfermo acordou. Não tardou que viessem todos rodeiar-lhe o leito.

Alfandega, quando elle lá esteve aos 12 annos. Então é que isto tudo acabava em comedia.

Talvez fosse melhor.

Rio, 15—Julho—81.

SOUSA BASTOS.

CHRONICA ALEGRE

A novidade dominante continua a ser a elevação da temperatura.

Eu suspeito que haja mais de um assumpto interessante, digno de entreter a actividade de uma penna laboriosa, o thermometro, porém, marca 38 grãos...

Eu estou persuadida que por mais de uma vez, ao longo d'este agosto, arido e escaldado como uma charneca, terão surgido alguns factos attraentes, susceptiveis de serem servidos ao leitor em pratos montados, e recheiados de adjectivos e guarnecidos de tropos, mas, hélas! o thermometro quando, por incidente, não marca 38 grãos á sombra, marca 48 ao sol...

Eu creio piamente que a chronica d'este mez, com quanto não tenha sido das mais ferteis e variadas, não poucas vezes haverá fornecido elementos para uma boa *reportage*, scintillante de phrases e cheia de imagens coloridas e sonoras, mas, ai de nós! o sello do genio, que, segundo o estylo ingenio das novellas baratas, assignala a frente dos eleitos das musas, vulgo, forçados dos lettras, deixou de ser um sello... de fogo, e passou a ser uma fonte copiosa de pingos de suor!...

É possível que á sombra dos castanheiros de Cintra, respirando a fina viração da serra e dilatando os pulmões no ambiente oxigenado pelas rezinas que escorrem em borbotões dos troncos velludosos, a fantasia desdobre tranquillamente as suas bellas azas reluzentes...

Mas na zona de luz crua e devoradora, projectada por um candieiro assassino, em presença de um tinteiro implacavel e no seio incandescente de uma cidade vulcanizada pela canicula, a pobre fantasia sente se reduzida á condição humilde e rasteira de gallinaceo de capoeira.

Dispense-me, por conseguinte, o leitor se eu não arrancar da minha pobre palheta as tintas hilariantes indispensaveis para colorir um dos mais comicos aspectos da vida lisbonense,—as eleições.

Porque á hora em que o suffragio allucinava milhares de cabeças, e o voto livre obedecia á força eloquente de dezenas de muros e á acção commovente de centenas de libras, espelhando-se em phosphorescencias aureas no mar negro do Torres e Collares, eu tomava tranquillamente o meu banho frio, agradecendo do intimo do meu ser á Providencia, infinitamente generosa, que me deixara um cantinho da terra defeso aos exercicios acrobaticos do galopim e aos ziguc-zagues cambaleantes do cleitor.

No momento em que as ultimas listas desappareciam absorvidas pelas mandibulas avidas das urnas, collocadas sob o abrigo das azas dos archanjos e do habito monacal dos santos, e guardadas á vista pelas azas de pau de varios peccadores, Sua Magestade Kalakaua, rei das ilhas Sandwiches, conhecidas na moderna geographia pelo nome de ilhas Havaianas, caminhava gravemente para o passeio, onde aguardava a sua real pessoa uma jaula, perdão, um kiosque, um hymno *ad hoc* composto e dedicado ao monarcha e um baile infantil, dirigido pelo sr. Justino Soares, resumo fascinador dos innumerados attractivos de que constava a festa offerecida ao principe pelo sr. Gaspar, maestro empregario.

Kalakaua é um bello homem, alto, robusto, musculoso e agil como um gladiador antigo.

Paris, que elle acaba de deixar, vindo expressamente da rua de Rivoli ao hotel Bragança, tratou-o excellentemente, poupando-lhe os epigrammas, que o francez maneja como nenhum outro homem, e que a epiderme londrina conhece maravilhosamente, porque lhe haja sentido tantas vezes o estylete incisivo e agudo...

A nossa *carte de visite* a Kalakaua, não só por elle ser rei das ilhas Sandwiches, conhecidas em Lisboa por uns deliciosos *lunches* do Baltresqui, mas especialmente na sua qualidade de assumpto.

Collegas, saudemos Kalakaua.

GUIOMAR TORREZÃO.

A LEITURA DE PEÇAS

Não ha terror mais justificado do que o que toda a gente, que tem ouvidos, nutre pela leitura de peças. Este terror tem-se desenvolvido de um tal modo espicaçado pelo abuso d'esse supplicio desconhecido dos povos selvagens, que n'um theatro, em qualquer sugeito um pouco suspeito de auctor dramatico entrando no palco com um rolo de papel debaixo do braço, os camarins fecham-se como que por encanto, os cavaqueadores fogem espavoridos, o empresario faz bancadas á porta do seu gabinete, os carpinteiros trepam para o urdimento, o ponto corre para o seu buraco, e só os bombeiros, com a heroicidade tranquilla habituada a lutar com as chammas ficam serenos e graves nos seus postos, fumando o seu cigarro e olhando ousados para esse rolo branco, como que enchendo-o de provocações.

Eu d'antes, quando comecei a andar pelos palcos, era tambem um pouco bombeiro n'esta coragem.

Revoltava-me contra os cobardes que fugiam diante d'esses cadernos de papel, e arrostava a pé firme com todos os rolos que appareciam nos bastidores.

Foi uma lucta terrivel, homerica, o que eu ouvi de peças, santo Deus! nem me atrevo a pensal-o.

E eu quiz lutar, mas não poude, pouco a pouco fui-me acobardando, fui deixando de ser bombeiro, e hoje será mais facil faze-rem-me acceitar a coroa da Russia do que ouvir um drama.

Tenho menos terror ás bombas de nitro glycerina dos nihilistas do que ás peças em cinco actos.

Eu lhes conto como foi que esse fundo terror se apossou de mim.

Foi no Gymnasio, ha tres annos, talvez, parece-me ainda hontem.

Eu entrara á noite no palco, despreoccupado, tranquillo, feliz. Sahira do «Diario da Manhã», e ia ali, no ensaio, fazer horas para que os compositores decifrassem a minha calligraphia e me servissem umas provas que eu transformaria n'uma pagina de solfa.

O ensaio estava a acabar. Andava por ali passeando de um lado para o outro, fallando de grupo em grupo, um homem muito sympathico, que parecia uma pessoa séria, com uma cara de bonhomia que inspirava confiança, e sem nenhum rolo debaixo do braço.

Aproximou-se de mim, apresentaram-me e conversamos um bocado.

Conversava bem, parecia um honesto chefe de familia, um homem honrado em quem a gente se podia fiar. Fiei-me n'elle; encanto!

O homem contava-me umas historias engraçadas de umas viagens que fizera, e no meio interrompeu-se para me perguntar delicadamente:

— Eu não sei se o estou a incomodar... Tem talvez que fazer?

— Não, respondi eu com uma ingenuidade imbecil, não tenho nada que fazer senão depois da meia noite... ir ver umas provas.

Eram nove horas.

— Então se está livre quero pedir-lhe um favor...

— Pois não... respondi eu já a medo... O coração dera-me um baque.

— O ensaio acabou, vou ler aqui a estes amigos, uma peçazinha que escrevi nas minhas horas d'ocio e hade fazer-me favor de a ouvir. Tenho n'isso o maximo empenho...

— Oh! senhor... confunde-me... mas talvez...

— Lê-se n'um momento... eu leio depressa...

— É um acto? perguntei eu com calefrios.

— São cinco, mas são pequeninos... lê-se n'um momento.

Entretanto os carpinteiros da scena tinham armado no meio do palco o cadafalso. Lá estava a mesa, o copo de agua, as duas velas de stearina, e o circulo de cadeiras formado em torno da mesa.

Elle correu a sentar-se, o ensaiador trouxe um enorme volume de papel pautado, alguns actores foram-se safando á surdina, as actrizes pegaram no seu *crochet* com uns ares de martyr que teriam commovido um Cesar romano e eu accendendo um charuto, sentei-me resignado.

Começou a leitura. Não posso dizer-lhes o que a peça era: a

quem ouve uma peça assiste ao menos o direito sagrado de não a ouvir, o que sei é que o homem tinha uma leitura pesada, monotonica, continua, sem uma pausa, sem uma virgula, sem uma mudança de inflexão — an, an, an, an — uma nora!

A's 11 horas e meia ouvi com grande alegria esta phrase, que me souou aos ouvidos como um hymno de amor

FIM DO DRAMA

—Então?

—Magnifico! Magnifico!

—São 11 e meia, acabou ainda antes da sua hora.

—E que acabasse depois, disse-lhe eu, estonteado pela alegria, o que tenho a fazer tanto se faz á meia noite como á uma.

E todos começaram a por-se em pé.

N'isto, um nosso collega, que ouvira ler a peça com um certo sorriso sardonico, a que até então não ligara importancia alguma, ergueu-se e disse com voz cava:

—Perdão!

Olhei para elle assustado.

—Já que estão aqui reunidos, continuou elle implacavel, sinistro, como um juiz criminal, peço licença para lhes ler uma peça n'um acto que conclui a noite passada.

O terror foi tal que ninguem se atreveu a soltar um protesto.

Todos nos tornámos a sentar, e ouvimos n'um silencio lugubre, n'um silencio de quarto de mortos, essa peça lida compassadamente, como as resas da agonia por um prior pachorrento.

Era meia noite e vinte minutos e ainda eu estava a ouvir esse acto.

D'então para cá, nunca mais ouvi ler peça alguma, e tenho uma admiração espantosa pelos bombeiros!

GERVASIO LOBATO.

SOIRÉES EM MADRID

A vida ao ar livre em Madrid, durante a estação calmosa, emigra de certos logares mais frequentados nos mezes de inverno. Os elegantes, a fina sociedade, os ricos *flaneurs*, encerram-se de dia nos seus palacios, levantam-se tarde da cama e passam o resto do dia em preparativos para a noite. Ás nove horas da noite começa o dominio dos prazeres de todo o genero, que impedem aos bons madrilenos de dormir de noite como fazem de dia. A esta hora principia n'esta epocha do anno a verdadeira vida cortezá, especialmente para as classes elevadas. A cidade tão despovoada durante o dia offerece então ao forasteiro um espectáculo animadissimo. A *puerta del Sol*, centro onde pulsa com mais vigor a vitalidade madrilenha, apresenta uma phisionomia alegre e cheia de vida, vida que se vae espalhando pelas principaes arterias até aos confins da cidade.

Até á meia noite é um extraordinario reboliço, uma festa repleta de encantos variados, de um character inteiramente novo para um estrangeiro, que ainda impressionado da solidão do dia, vae-se apercebendo que percorre as ruas de uma capital de primeira ordem e digna da fama que acompanha o seu nome por toda a parte.

Desde a praça do Oriente até á porta de Alcalá, no Prado e na Castelhana, o transitto torna-se difficil. As mulheres mais bonitas e *salerosas*, fogem das casas, especie de grandes fornos aquecidos durante o dia pelo calor abrazador, em consequencia da sua pessima disposição interior, que não offerece conforto nenhum e que as preserve do intensissimo calor do estio e do frio penetrante do inverno.

Quem procurar em Madrid estas commodidades materiaes, o *confort* tão querido dos filhos d'Albion, passará pelo desgosto de o não encontrar. Não existe nem nunca existiu. Muito *salero*, isso sim.

Mas o *salero* é inimigo das commodidades caseiras, mediocre apreciador d'uma sala bem aquecida ou bem ventilada.

Os homens, frequentadores assiduos dos cafés e de outros pontos de reunião, nos principaes centros da cidade, tambem abandonam o lar domestico, á maneira dos antigos gregos, em procura de ar.

Durante a prosaica e triste realidade do dia, maldizem a sua vida preguiçosa e indolente; á noite, n'um delicioso *dolce far niente*,

judgam-se n'um paraíso e consideram-se os homens mais felizes da terra.

Mais de metade da população, tem a suprema ventura de possuir o que os hespanhoes chamam *la gracia de Dios*. É-nos absolutamente impossivel explicar em lingua lusitana o verdadeiro senso d'estas palavras. Traducção applicavel em nossa terra, de certos termos hespanhoes que exprimem a belleza particular das suas mulheres, é humanamente impossivel. Nossa Senhora andou passeando pela Andaluzia, mas esqueceu-se infelizmente de viajar pelas nossas praias que são tão bonitas!

De todos os fanatismos religiosos ou politicos que tem dominado o povo hespanhol, o que ainda conserva hoje em dia o mesmo mysticismo, e uma crença sem limites, é o culto do bello: as suas artes e as suas mulheres são para elles glorias nacionaes.

Na verdade quem não se ha de possuir de um sentimento religioso de admiração, até ao extasis, ao contemplar estas mulheres cobertas com mantilhas brancas ou pretas, copias fieis em carne e osso das virgens de Murillo?!

Descrevel-as é superior ás nossas forças; as suas fórmãs e aspectos são tão variados, que fazer o retrato de uma seria uma grave injustiça feita ás outras. Mencionar-as a todas, seria o mesmo que descrever as variadissimas cambiantes do Kaleidescopo.

Mulheres incompreensiveis que sabem sorrir a um impeto de admiração espontanea e que emmudecem friamente diante de uma impertinencia!...

Levados pela multidão que se dirige para o Prado, vamos caminhando pela rua d'Alcalá, olhando para todos os lados até chegarmos ao famoso salão, á custa de numerosos encontrões, alguns tão leves e passageiros que bem quizeramos que durassem um seculo!

O Prado é um passeio ou avenida do tempo de Carlos III. O reinado d'este esclarecido soberano foi uma das epochas mais brilhantes da historia de Madrid, pelos variados edificios e melhoramentos que por ordem regia foram executados.

Nenhuma vegetação ornamenta a grande avenida bem ensaiabrada; de um lado rodeada de palacios e jardins particulares, do outro, o *Buen Retiro* e o sombrio monumento do *Dos de Mayo*, obelisco onde estão escriptos em letras de ouro os heroicos nomes dos martyres da independencia hespanhola.

(Segue).

MANLIUS.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

CANÇÃO MATUTINA

Ó aves da manhã, desprendeis vossos hymnos
Celestes e bemditos!

Ás terras de alem-mar levae, em sons divinos,
Meus ternos ais afflitos!

Vós sois, n'este momento, irmãs da Providencia,
Felizes mensageiras

Do meu eterno amor! Sois pombas de innocencia,
Amigas verdadeiras!

A minha dôr ergueu-se ao romper d'uma aurora
Bem negra e lutuosa!

A paz do meu viver deixou-me triste agora...
Perdeu-se, carinhosa!

Parti, já despontou do sul a claridade;
Dobrae alem o cimo...

Levae tambem convosco a intima saudade
A quem eu mais estimo!

Adeus, aves, adeus! O meu ultimo beijo
Vae preso ao vosso canto...

Desatae-o somente, em côro de festejo,
No rosto seu d'encanto!

MATHEUS PERES.

MODAS

Chronica de Paris

A ordem do dia n'este advento do estio, que Paris aproveita sofregadamente, são os concertos.

Concerto na sala Erard, na sala Pleyel-Wolff, nas salas do Hotel Continental, concerto Leão Lafont, concerto Lency Keleni, que sei eu? Uma orgia de musica em que Berlioz, Beethoven, Schumann, Chopin, Mozart representam os vinhos generosos, figurando Strauss, Verdi, Rossini, Donizeti, Bellini entre os vinhos de pasto.

As manhãs do concurso hippico, no Palacio da Industria, não preocupam menos a alta sociedade parisiense. Ella entende que, depois de uma arcada de violino, tremula do sentimentalismo methodico e profundamente idealista de Chopin, nada poderia divertila tanto como os relinchos agudos de um cavallo. É para isso que nas suas mais frescas e appetitosas toilettes, adaptadas expressamente a esse genero de divertimento, concorrem as brilhantes *gommeuses*, enchendo a immensa nave, das quatro ás seis, apertando-se, amarrando-se, com um jubilo superior a todas as pizadelas e inacessivel a todos os encontrões.

Nenhuma mulher que se preze de usar um nome vibrante como um clarim e perfumado como um sachet, poderá, por caso algum, sob pena de perder os titulos que a acreditam na opinião dos *petits parfumés*, arbitros do chic, deixar de comparecer n'esses *rendez-vous* da moda, mil vezes mais exigentes do que os *rendez-vous* amorosos.

Foi n'esse certamen cavallar, que constitue uma das mais apaixonadas predilecções da Grã-Bretanha, a nação menos inclinada a paixões, e que nós copiamos, convictos de que nos divertimos muitissimo, assim como imitamos a tristeza vaga e incaracteristica do *spleen*, que não é mais do que a nostalgia do sol, persuadidos de que soffremos acerbamente, guardando d'esta maneira as duas unicas cousas verdadeiramente inuteis que a Inglaterra cultiva, o *sport* e o *spleen*; foi no palacio da Industria que se nos depararam algumas toilettes verdadeiramente deslumbrantes.

Citarei em primeiro logar a de madame G. . . , em surah cõr de passa: sobre a saia de velludo lavrado abriam-se os pannos da tunica; o corpo, atacado com atacador, deixava ver um *plastron* de velludo. Completava este delicioso vestuario um chapéo andaluz de tulle hespanhol, com uma grinalda de rosas escarlates. A baroneza de W. . . enchia a tribuna com o fulgor dos seus olhos pretos e espirituosos e com a seducção da sua bellissima toilette de *faïlle* cõr de ameixa, guarnecida com muitas ordens de folhos estreitos orlados com um bordado oiro velho, transparente e fino como uma renda; uma grande charpa escosseza de setim ameixa, oiro velho e amarello, ia prender-se em grandes laçadas aos quadris; o corpo de abas abria sobre um collete bordado em amores perfeitos, terminando a toilette com um manto de surah maravilhoso guarnecido de tulle e de contas, oiro velho.

Madame R. . . trajava um vestido de *faïlle* preta, guarnecido de tres folhos orlados de contas de aço; uma segunda saia franzida apanhava muito alto, presa por um cordão de passamanteria e aço: mantillete-visite gros de Napoles, todo bordado em flores de aço e guarnecido com franja preta e aço, e um chapéo *bebé* de renda de aço, com um molho de lilazes da Persia, rematavam este bello *costume* distinctissimo. Levar-nos-hia longe e fatigaria talvez a attenção da leitora a analyse de todas as toilettes de sensação que se entrecruzavam na pista, produzindo na retina o effeito deslumbrador resultante das mutações repetidas de um kaleidoscopo, e pondo na poeira os leques das caudas, habituadas a pousarem nas escadas velludas do sr. Garnier, exactamente como se se tratasse da primeira do *Tributo de Zamora*.

Nos chapéos predomina o feitto capota, Directorio ou Maria Stuart.

Vi ha dias um chapéo capota, lindissimo, destinado a uma noiva. Era de setim azul, coberto de tulle hespanhol. O tulle, applicado em *plissés*, formava espirais que partiam do centro da copa, mordida por um pente de azeviche. Um fio de contas pretas orlava a extremidade da aba, terminando o adorno do chapéo um molho de begonias, com pouca folhagem, collocado do lado direito na parte in-

ferior da copa, sendo as *brides* presas no peito por um raminho igual.

Recommendo tambem ás minhas queridas leitoras um chapéo de setim maravilhoso, coberto de tulle e pulverizado de contas de aço. A aba forra-se com setim franzido, bordado a contas, completando o enfeite do chapéo uma charpa de setim creme orlado de Valenciana, franzida na parte superior e prolongando-se em pontas, e uma ave collocada ao lado esquerdo. O chapéo redondo reserva-se para passeios e compras. Os feitos d'estes chapéos são os mesmos do anno passado.

O chapéo *Mascotte*, a opera comica que fez furor em Paris e poz outra vez em moda a Judic, lembra o chapéo inglez, prolongando-se na testa e levantando atraz: o chapéo *bolero* imita o antigo chapéo dos estudantes hespanhoes.

Os feitos dos vestidos tambem offerecem pouca novidade: as saias cada vez mais apertadas, os hombros mais altos e as mangas mais estreitas alcançam progressivamente o resultado delicioso de converterem os mesmos vestidos em uma especie de torno supplicante e incommodo.

Descreverei por ultimo ás leitoras uma serie de modelos elegantissimos, entre os quaes vv. ex.^{as} escolherão aquelles que melhor convenham aos seus dotes phisicos ou ás suas predilecções.

1.^o *Vestuario para theatro ou concerto*.—Vestido rico de seda cõr de rosa lavrada, enfeitado com rendas brancas e *bouquets* de rosas, prendendo os apanhados. A saia é guarnecida na parte inferior com um folhinho de setim verde escuro. Manga curta orlada de renda.

2.^o *Vestuario de sala*.—Vestido de surah branco e rosa. Saia coberta na parte da frente de folhinhos cõr de rosa, collocados em fórma de leque, acima dos quaes crusa, cingida apertadamente, a tunica ou charpa que vae findar atraz, presa com molhos de rosas. O corpo, ao inverso da saia, é cõr de rosa enfeitado de surah branco.

3.^o *Vestuario para soirée*.—Vestido de setim branco, guarnecido com duas ordens de folhos macheados alternados com ruches de renda. Na parte da frente uma charpa apresenta o feitto de dous aventaes de ponta, guarnecidos de franja, com pé de cõr e contas de metal relusente. O corpo, decote quadrado, é enfeitado com franja e renda. Collar, braceletes e pente de coral.

4.^o *Vestuario para menina, para theatro ou concerto*.—Saia de setim coberta com folhos de tarlatana verde-agua. Tunica de tarlatana de riscas assetinadas, aberta ao centro e apanhada com laços de fita azul claro. Corpete de setim com *plastron* franzido.

5.^o *Vestuario para receber*.—Saia redonda de cõres cambiantes, preegada á russa e enfeitada com fachtas, que, partindo do lado esquerdo, vão findar no lado direito. Corpo Luiz XIII, de seda adamascada, com abas e bordados a oiro.

6.^o *Vestuario para passeio e visitas*.—Saia curta de cachemira azul gendarme, preegada á russa em toda a altura do panno da frente. Paletót aberto na frente, desde a cintura, e deixando ver a saia. O paletot é enfeitado nas costuras das costas e dos lados com leques de setim.

Nada mais por hoje.

Até muito breve, leitora.

CONDESSA DE LUC d'ESTRELLES.

MOLDURAS

GUILHERME BRAGA

Se alguma vez o enthusiasmo vibrante tomou uma forma definitiva e humana, foi sem duvida em Guilherme Braga, n'este bafejado da inspiração, n'este ardente e apaixonado revolucionario cujos gritos d'alma se fundiam em alexandrinos valentes que teem a eternidade do bronze e a admiração sagrada dos que se banham na luz casta e distante d'essa deusa intangivel — a Arte.

Recordar esta phisionomia tão viva, pol-a na luz palpitante da actualidade a que teem um incontestavel direito todos os espiritos fecundos, recompol-a atravez da chimica creadora da imaginação, fazendo-a viver por um momento na retina da alma dos que a amaram,

é uma afirmação de justiça e de amor para com este poeta de raça, para com este lutador, cahido em plena força na humida e obscura estreiteza do tumulo e no luminoso e amplo templo da gloria.

E que grande e lucido espirito o de Guilherme Braga! Da sua opulenta cabeça, coberta por uma espessa e longa cabelleira, cheia de doirados reflexos que lhe dava um vigoroso ar leonino, da sua fronte ampla, robusta, cuidadosamente modelada, dos seus olhos escuros estranhamente illuminados, da sua boca vermelha e amavel d'onde a eloquencia batia as azas n'um voo audaz e curuscante, o genio, este clarão intimo e devorador, chispava com a mesma intensidade com que da sua penna cahiam os alexandrinos athleticos de quem dominava sob o joelho a inspiração gigante.

Cerebro poderosamente organiado, alma ardentemente apaixonada, consciencia honesta e esclarecida pela justiça e pelo amor, Guilherme Braga, como um rigido cavalleiro antigo, entregou-se todo com a pureza immaculada da sua alma de creança, a esta lucta tenaz que elle travou com a reacção e o preconceito, esforçando-se por estabelecer no bem e na sciencia a humanidade por quem generosamente, um sorriso triumphante nos labios, daria o melhor do seu sangue.

É esta a feição dominante da sua poesia, é este o seu lugar de honra como chefe de fila entre os que veem n'esta onda destruidora do mal e constructora do bem. Os seus versos candentes, pedaços de sua alma, lançados contra o erro, teem o extraordinario vigor, a impeccavel correcção e conseguiram realmente fulminar aquelles contra quem foram vibrados.

Ninguem como Guilherme Braga manejou magistralmente o alexandrino. É em verdade admiravel pela sua elasticidade e espontaneidade. De uma factura acabada, perfeita, o que mais sobreleva ainda é a sua poderosa expressão.

Dos modernos poetas foi o que metten dentro da forma a mais sobria e irreprehensivel maior porção d'alma. O Bispo, este pequeno poema unico e extranho, onde ha uma effervescente caudal de inspiração, comprova-o excessivamente.

Alma complexa, possuidora da riquissima gamma de todos os sentimentos, a sua lyra apaixonada e profunda, a par com os gritos da indignação atravez dos quaes se via o democrata sincero, tinha os flebeis arrulhos do amor, e aguia alou-se até á região inominada e pomba aninhou nos castos recantos de alma.

Como aguia terá a eternidade da admiração.

Como pomba a eternidade da estima.

Til.

RUMORES DOS PALCOS

Communicam-nos de Aveiro:

A companhia do theatro do Principe Real de Lisboa que, de passagem para o Porto, deu, no sabbado 13 do corrente, uma recita no theatro Aveirense com a *Niniche*, levou d'aqui as mais gratas impressões. Além de uma concorrência animada e mais do que regular para a epocha presente, pouco propicia a estes divertimentos, recebeu do illustrado publico aveirense as mais exuberantes demonstrações de apreço e sympathia, sendo muito applaudida e victoriada e tornando-se alvo dos mais solemnes testemunhos de consideração.

Aveiro, portando-se de uma fôrma tão bisarra para com os sympathicos e estudiosos artistas lisbonenses, cumpriu apenas um dever, a que não podia eximir-se. A companhia do Principe Real de Lisboa, tem, como todos sabem, artistas de reconhecido merecimento, cujas fronte se acham engrinaldadas pelos louros do triumpho. Regatear-lhes, pois, os applausos seria uma ingratidão e uma injustiça flagrante. Felizmente Aveiró não tem a penitenciar-se d'esse peccado, e com isto me ufano eu, que sou filho de Aveiro e dos mais dedicados, alegrando-me sobremaneira com a civilização que distingue a minha terra natal, tão decantada por poetas e prosadores.

Mas deixando por agora todas as divagações, e sem querer offender melindres, manda a verdade que se diga que na recita dada pela companhia lisbonense do Principe Real no nosso theatro, coube a palma á eximia actriz Esther, sem contestação a melhor cantora de opera-comica que possuímos. Esther, além de dispôr de uma voz melodiosa e vibrante, molda-a sem esforço a todas as variações,

vencendo difficuldades de que poucas cantoras conseguem triumphar. Em vista d'estes predicados, que só raras vocações musicas logram reunir, não admira que Esther receba do publico vasta colheita de applausos sempre que surge no palco, do qual é uma das mais formosas estrellas.

Ribeiro é tambem um actor muito considerado e applaudido pelas nossas platéas, mas na *Niniche* não podia expandir o seu brilhante talento em um genero que não era verdadeiramente o seu. Ainda assim não desmereceu o conceito em que de ha muito o temos.

Os outros artistas foram todos muito regularmente nos seus respectivos papeis.

A vinda d'esta excellente companhia á patria do grande orador da tribuna parlamentar José Estevão, proporcionou aos aveirenses um outro passatempo cercado de attractivos. Foi uma esplendida *matinée*, que se effectuou na segunda feira 15, em casa dos acreditados negociantes d'esta praça, os srs. Gamellas & F.º, promovida pelo sr. Francisco Elias Gamellas, que pelas suas grandes relações conseguiu que tomasse parte na referida *matinée* a eminente actriz Esther. A graciosa actriz cantou com extraordinario mimo algumas romanzas de Schubert e Campana. A sr.ª D. Maria Preciosa de Barros Nunes e Vasconcellos, bem como o nosso conterraneo e distincto amator da arte, o sr. dr. Luiz do Valle Junior, executaram no piano, com a pericia que tanto os caracteriza, além da marcha da *Aida* de Verdi, muitos outros trechos de musica, deliciando os circumstantes pela perfeição, fóra do vulgar, com que foram executados.

A *matinée* que esteve esplendida e muito concorrida, durou desde o meio dia até ás tres horas, retirando-se todos os cavalheiros e damas que a ella assistiram extremamente penhorados, nao só pela agradável diversão que lhes foi dado gosar, mas sobretudo e principalmente pela extremada delicadeza e afabilidade que receberam da parte do nosso conhecido patricio. O sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas fez as honras da casa, com a proverbial delicadeza que tanto o caracteriza.

O trem que conduziu á estação do caminho de ferro a sympathica actriz Esther de Carvalho foi acompanhado pelos srs. Duarte Ferreira Pinto Basto, Carlos Faria e Mello, Francisco Elias dos Santos Gamellas e Dr. Joaquim de Mello e Freitas.

*

Sarah Bernhardt é esperada em Lisboa no mez de março. Representará em S. Carlos o *Ernani* e a *Dama das Camelias*.

*

Está fazendo furor no Rio de Janeiro a *Mascotte*. As enchentes succedem-se, sendo necessario para obter logar marcal-o com oito dias de antecedencia, e vendendo-se todas as noutes á porta camarotes e bilhetes de plateia pelo triplo do seu valor. Pepa tem sido applaudidissima n'esta opera comica, sendo todas as noutes bisados os seus couplets do 3.º acto, que arrancam uma ovação estrondosa.

*

Tem agrado extraordinariamente em Aveiro e Porto a companhia do Principe Real, e especialmente a talentosa actriz Esther, que recebe todas as vezes que representa as mais entusiasticas demonstrações de apreço.

*

Não é a actriz Pepa, como dissemos, mas sim a actriz Hermínia que vai fazer as *Furias de amor* no Rio de Janeiro.

*

No proximo Carnaval deve cantar-se na Scala a nova opera de Verdi: *Iago*, sendo a parte do protagonista executada pelo barytono Maurel.

*

Por ocasião de uma sessão de prestidigitación, celebrada em Paris por mademoiselle Ordhomes, abateu o pavimento da sala, ficando feridas cerca de cincoenta pessoas, contando-se entre essas quatro mortes.

*
No theatro Alhandra de Londres cantou-se o *Cavallo de bronze* de Auber, traduzido em inglez.

*
Adelina Patti segue no dia 22 de outubro para a America, onde dará 40 concertos. Acompanha-a-hão, alem de Nicolini, um bariton, um contralto, miss Hohenchild e a celebre violonista Castellane.

*
James Mortimer escreveu uma comedia, intitulada *Butterfly Fever*, baseada sobre o mesmo assumpto da *Papillonne* de Sardou, a qual subiu á scena em Londres. Em resposta á accusação de plagiata feita por Sardou, o escriptor inglez retorquiu que se julgava no direito de refazer uma comedia que caíra em França. Sardou, em uma carta frisante, publicada no *Daily News*, destroe pela base estes argumentos replicando: «A justificação do sr. James Mortimer assemelha-se á resposta de certo pick-pocket, o qual surprehendido no acto flagrante de roubar um lenço da algibeira de um transeunte, disse á justiça:—o lenço era velho e usado.»

*
Recebemos e agradecemos um cartão de convite para a recita familiar que deve realisar-se hoje no Gymnasio.

*
Rubinstein tem obtido um successo doido em Londres, onde toca a quatro mãos e em dois pianos fortes com madame Menter.

*
Gounod terminou uma oratoria de grande merito, intitulada: *La Redenzione*. Parece que será ouvida pela primeira vez em Inglaterra.

*
Paris acaba de collocar uma lapide commemorativa na casa onde morreu Rouget de Lisle, o auctor da Marselheza.

*
Lizt adoeceu gravemente em Welmar. O celebre abbade caiu de uma escada, dando uma queda gravissima que lhe provocou uma lesão no pulmão. O seu estado é de perigo eminente.

*
Obteve um bello exito no theatro Rossini de Napoles a nova opera *La Rosa di Perona*, composta por uma juvenil senhora, que foi muito victoriada.

*
A primeira representação do *Guarany* de Carlos Gomes na Polite ama florentina obteve um grande successo, ruidoso e indiscutivel, succedendo-se as chamadas e estrondeando em torno do illustre maestro as mais entusiasticas saudações.

*
A grande cantora Borghi Mamo foi extremamente obsequiada na noite do seu beneficio em Buenos Ayres. Entre outros presentes que recebeu, contam-se, como os mais valiosos, os seguintes: um grande ramo em forma de estrella, com um cartão de visita, e estas palavras: *O presidente da republica, Julio A. Roca, sauda e apresenta os seus respeitos á distincta e justamente celebre artista senhora Borghi Mamo; do general Roca*. Um estojo contendo um copo e um prato com incrustações de ouro; uma preciosa carteirinha de ouro: um diadema de ouro com turquezas, perolas e brilhantes; um collar de ouro com um medalhão em forma de guitarra, guarnecido de brilhantes; um ramo com rosas brancas, em forma de cesta; e um estojo contendo um tinteiro, uma faca de madre-perola e uma lapizeira de ouro; um lenço de fianduti; e muitos ramos, corôas, etc.

*
O theatro francez acaba de fazer solemne *reprise* da magnifica tragedia de Sophocle, o Homero do theatro grego, admiravelmente traduzida por Julio Lacroix. Mounet-Sully fez do personagem de OEdipo, uma criação magistral, obtendo um grande successo.

BIBLIOGRAPHIA

DICCIONARIO UNIVERSAL

Publicaram-se os fasciculos 23, 24 e 25 d'este importantissimo dictionario, uma das obras mais notaveis que se imprimem em portuguez. Obedecendo a um plano gigantesco, edificado sobre bases solidas, acompanhando um itinerario habilmente traçado, para o qual vão sendo careados elementos arrancados ás inexgotaveis minas da sciencia, da linguistica, da lexicographia e da biologia, o *Dictionario Universal* está destinado a ser de futuro um monumento da lingua portuguesa, onde irão dessedentar-se os estudiosos e retemperar-se os eruditos. É auctor d'esta obra valiosissima o sr. Francisco de Almeida e editor o sr. Henrique Zeferino. O fasciculo 23, que temos á vista, alcança o vocabulo *armas*.

Assigna-se para o *Dictionario Universal* na livreria Zeferino, rua dos Fanqueiros 87, e no Rio de Janeiro em casa dos srs. Souza Teixeira e Moraes Calabre, 95, rua dos Ourives.

*
Recebemos o n.º 12 da *Bibliotheca do povo e das escholas*, excellente encyclopediasinha editada pelo sr. Corazzi. Versa sobre *Economia politica*.

ALBUM ENYGMATICO

CHARADA

(Ao meu particular amigo Miranda Azevedo)

PREMIO

OFFERECIDO AO PRIMEIRO DECIFRADOR

CONTOS SEM NOME

1 vol. em brochura

Quando a risonha aurora alem vai despontando
E as perolas de rocio, em crystal, vão brilhando,
A flôr setinea e bella, a quem dou meus carinhos,
Esparge o seu aroma até aos meigos ninhos.

Ao longe, a terna voz d'um cherubim formoso
Desprende a canção em verso harmonioso!
No seu canto de amor, no canto de alegria,
A nota mais vibrante ao perto estremezia.

Emquanto a natureza as suas gallas mostra,
Na estrada, um velho triste, a quem a dôr já postra,
A custo vai seguindo a loura criancinha:
Seu filho — um engeitado! — uma alma que definha!

E o pai, o pai ingrato, ao innocente ensina
Da sua lei perversa a negra e vil doutrina...
Mas Deus, esse Bom Pai, que a lei mais sábia rege,
Ao céo então chamou o filho do hereje.

E elle, sem ter nome, o pária, o assassino,
Vai triste caminhando ao seu fatal destino!
Ao perpassar, a turba aponta-lhe, sorrindo,
Os ferros da prisão, o seu tormento infindo!

E ninguem se condoe ao vél-o magoados,
Sem forças, sem amparo, em miserrimo estado!
A voz da multidão, em um sarcasmo ardente,
As faces já lhe atira o nome de — insolente!

MATHEUS PERES.

ADVERTENCIA:—O premio será entregue na redacção, rua dos Fanqueiros, 87.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 104, 2.º

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

Illustrado com os retratos dos principaes homens de Portugal e Brazil
e de grande numero de notabilidades europeas

Gravuras de monumentos, obras de arte nacionaes
e todas as illustrações indispensaveis para esclarecimento do texto

Desenhos e gravuras dos melhores artistas

Um dictionario encyclopedico, destinado a satisfazer todas as inexgotaveis exigencias de um povo que pretende instruir-se, delineado por um vasto plano colossal e tendo de occupar-se na sua larga esphera elucidativa de todos os complexos ramos do saber humano, nas sciencias, nas letras, nas artes, tomando por ponto de partida as origens ethnicas, e acompanhando-os na sua evolução biologica até ao mais adiantado marco da historia, desde os mais arduos até aos mais simples problemas scientificos, um dictionario d'esta ordem tem sido a maxima preocupação de todas as nações cultas.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia e a Hespanha, teem os seus importantes Dictionarios-encyclopedicos; faltava, porém, a Portugal um dictionario, susceptivel de satisfazer todas as ardentes curiosidades de saber que cada vez mais se accentuam em nossos dias, e que illuminasse ao mesmo tempo a penumbra prehistorica onde existem amalgamados os fosseis dos dialectos e das raças extinctas, que o estudioso debalde procura tantas vezes, e cuja incerta procedencia e deficiente investigação constituem o desespero do erudito.

Esta lacuna insubstituivel, a necessidade de consultar um Dictionario para cada uma das especialidades technicas que o leitor desejasse tirar a limpo, obrigando-o a munir-se de duzias de Dictionarios, suggeriu-nos o plano colossal de dotarmos o nosso paiz de uma obra construida sobre bases solidas, destinada, por sua natureza, a subsistir de futuro como um monumento da lingua de Luiz de Camões. Similhante tentativa, porém, especialmente em relação a uma população pouco numerosa e relativamente atrasada, demandava grandes sacrificios pecuniarios.

Nem por isso desistimos. Animados de uma força de vontade inabalavel, abalançamo-nos a dar a publico o

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

tendo a consciencia que elle ha de ser o mais completo, o mais variado e o mais encyclopedico de todos os dictionarios que existem em Portugal.

Todas as litteraturas e todos os idiomas, incluindo o indiano, hebraico, latino, grego e o tupy, guarany, concani, angolense, etc., serão n'este dictionario devidamente explanados, correspondendo elle assim á sua elevada missão concreta e expositiva.

O *Diccionario Universal Portuguez*, propriedade da antiga Livraria Zeferino, de Lisboa, e por ella editado, sahe quinzenalmente em fasciculos de 48 paginas de texto, ou 3 folhas de 16 paginas, em 4.º maximo, com 144 columnas de excellente typo, nitidamente impresso em magnifico papel, expressamente fabricado para o nosso Dictionario.

Cada fasciculo custa em Portugal 400 réis, no Brasil 1\$200 réis fracos. Paga á ent.ega.

Assigna-se para o *Diccionario Universal* nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-editor, Henrique Zeferino, antiga Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, Lisboa, onde se accitam quaesquer reclamações e se distribuem prospectos da obra.

São correspondentes da Empreza no Rio de Janeiro os srs Sousa Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 93.

Ao presente estão publicados 25 fasciculos ou cerca de 1200 paginas, ficando muito breve concluido o 1.º volume, que comprehende toda a letra A.

A. ENRIQUE

(AO LADO DO 103)

CONCERTA LEQUES DE TODAS AS QUALIDADES

PÔE PANNOS DE SEDA E DE PAPEL

Especialista em limpar luvas a vapor

COM A MAXIMA PERFEIÇÃO E SEM CHEIRO

—101—RUA AUREA—101—

NB. Não se responsabilisa pelos objectos mais de um anno.

SAUDADE

É como classificam a nova côr da luva da moda, que as damas em Veneza primeiro usaram. Similhante ao crepusculo muda de effeito e côr conforme o horisonte ou pressão atmospherica. O Centro Commercial (a casa da moda), rua Aurea, 120 e 122, é a primeira que expõe tão distincta côr; os francezes chamam *pensamentos* de Maria Antoniette. A luva odorifica, é indispensavel: uma côr romantica, em contrario seria ceu sem estrellas ou jardim sem flores.